

Simpósio sobre o Preciosíssimo Sangue de Jesus

D. TARCISIO NASCENTES DOS SANTOS*

Neste Ano Jubilar de 2025, na manhã de sábado, 16 de agosto, no Auditório da “Casa de Emaús” do Mosteiro de São Bento, realizou-se o Simpósio sobre o Preciosíssimo Sangue de Jesus. Promovido pelo Centro de Estudos “A Caridade do Sangue de Cristo”, o Simpósio teve como organizadores o Instituto Filhas da Caridade do Preciosíssimo Sangue e a Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. O conferencista foi o conhecido Prof. Dr. Pe. José Eduardo de Oliveira e Silva.

Coube-me a grata satisfação de abrir o Simpósio. Teci então, à luz do tema proposto – “O Preciosíssimo Sangue de Jesus” –, uma breve reflexão articulada nos seguintes pontos: 1. O Sangue da Eucaristia; 2. O lado aberto de Jesus na Cruz; 3. O coração de Cristo.

1 O sangue da Eucaristia

Vamos proceder aqui em dois momentos: – A **Eucaristia**: sua instituição; – O **sangue** da Eucaristia.

1.1 A Instituição da Eucaristia

Observa Cirilo Folch Gomes [CFG]: “A Eucaristia está fortemente ancorada no testemunho bíblico. Os escritos apostólicos relatam sua instituição e manifestam seu sentido profundo, insinuando ainda as prefigurações existentes no Antigo Testamento” (Gomes, 1981, p. 584). Aqui, vamos nos limitar a considerar brevemente os relatos da Instituição da Eucaristia. São quatro: [Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; Lc 22,14-20; 1Cor 11,23-26], e agrupam-se dois a dois [Mt e Mc; Lc e Paulo]. Ei-los¹:

* D. Tarcisio Nascentes dos Santos é Bispo de Duque de Caxias – RJ, Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade de Santa Cruz (Roma). Contato: d.tarcisionascentes@gmail.com

¹ Os textos são tirados de A Bíblia, editada pelas Paulinas em 2023.

Mt 26,26-29	Mc 14,22-25
<p>²⁶Ora, enquanto comiam, Jesus, tendo tomado um pão e pronunciado a bênção, partiu-o e, tendo-o dado a seus discípulos, disse: “Tomai, comei! Isto é meu corpo”. ²⁷Tendo tomado um cálice e dado graças, deu-o a eles, dizendo: “Bebei todos dele, ²⁸pois isto é meu sangue, da aliança, que é derramado por muitos para o perdão dos pecados! ²⁹Eu vos digo que, doravante, não beberei deste fruto da videira até aquele dia quando o beber novo, convosco, no reino de meu Pai”</p>	<p>²²E enquanto comiam, tendo tomado um pão e pronunciado a bênção, partiu-o e lhes deu, e disse: “Tomai! Isto é meu corpo”. ²³Tendo tomado um cálice e dado graças, deu-lhes, e todos beberam dele. ²⁴E disse-lhes: “Isto é meu sangue, da aliança, que é derramado por muitos. ²⁵Amém, eu vos digo: já não mais beberei do fruto da videira até aquele dia quando o beber novo no Reino de Deus”.</p>

Lc 22,14-20	1Cor 11,23-26
<p>¹⁴Quando chegou a hora, Jesus se pôs à mesa com os apóstolos ¹⁵e disse-lhes: “Desejei intensamente comer esta Páscoa convosco, antes de padecer. ¹⁶Eu vos digo: nunca mais a comerei até que tenha seu cumprimento no Reino de Deus”. ¹⁷Então, tendo tomado um cálice e dado graças, disse: “Tomai isto e reparti-o entre vós; ¹⁸pois eu vos digo: a partir de agora, já não beberei do fruto da videira até que venha o Reino de Deus”. ¹⁹Tendo tomado um pão e dado graças, partiu-o e lhes deu, dizendo: “Isto é meu corpo, que é dado por vós, fazei isto em minha memória!” ²⁰E, depois da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo: “Este cálice é a nova aliança com meu sangue, que é derramado por vós.</p>	<p>²³Pois eu recebi do Senhor o que também vos transmiti: que o Senhor Jesus, na noite em que estava sendo entregue, tomou o pão; ²⁴tendo dado graças, partiu-o e disse: “Isto é meu corpo por vós. Fazei isto em minha memória!” ²⁵Do mesmo modo, tomou também o cálice, depois de ceiar, dizendo: “Este cálice é a nova aliança em meu sangue. Todas as vezes que beberdes, fazei isto em minha memória! ²⁶Pois, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes do cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha”.</p>

Sobre esses relatos, podemos, com CFG, afirmar o que segue:

- Com pequenas variantes, é descrito o gesto de Jesus, na última ceia.

Jesus – que “vinha pronunciando uma série de profecias a respeito da Paixão, já próxima, e que via nela um sacrifício de Redenção pela multidão dos homens (Mt 20,28)” – “surge agora anunciando a Paixão de um novo modo, através de um gesto dramático e profético, como a tornar presente, antecipadamente, o sacrifício redentor, para que os Apóstolos dele participassem desde logo e entrassem na “Aliança Nova”. Jesus “se lhes entrega nos sinais da própria morte, apresentando-lhes, separadamente, seu “corpo” e seu “sangue”. Sinais que “são também os de uma refeição, de uma confraternização, de uma ação de graças”. Jesus, enfim, segundo Lc e 1Cor, “dá-lhes o mandamento de renovarem esse gesto muitas vezes, em memória de si” (Gomes, 1981, p. 584s).

- O significado global dos relatos, que se aparentam dois a dois: o de Mt e Mc, o de Lc e 1Cor.

Em todos – anota CFG – “está expressa a ideia de que a Paixão é sacrifício, pois é oferecida “por muitos”, “por vós”, num sentido que evoca os famosos textos da segunda parte do livro de Isaías, referentes ao sacrifício de um misterioso “Servo”: “castigado por nossos crimes... tomando sobre si os pecados de muitos homens...” (Is 53,5.8.11.12)” (Gomes, 1981, p. 585).

Em todos – prossegue CFG – “fala-se de uma “Aliança”, contraída mediante o sangue de Jesus, o que os relaciona também a importantes passagens do AT, como a do Êxodo (24,8), em que Moisés tomou o sangue (de animais) e aspergiu com ele o povo, dizendo: “Eis o sangue da aliança que o Senhor fez conosco”; ou a do profeta Jeremias (3,31), que anuncia uma “nova Aliança” de Jahvé com as casas de Israel e Judá” (Gomes, 1981, p. 585).

- O quadro da Última Ceia é a celebração pascal

De fato, segundo os Sinóticos, nota CFG, “tudo indica ter sido ela a comemoração da Páscoa (“tenho desejado ardentemente comer *esta Páscoa* convosco antes de padecer”: Lc 22,15)”. Entretanto, observa CFG, “São João dirá que a sexta-feira, dia da morte de Jesus, era ainda “preparação da Páscoa” (“parasceve paschale”) (Jo 18,18; 19,14)”. A partir dessa diferença, pode-se, então, perguntar “se Jesus antecipou a comemoração pascal, por própria iniciativa ou aderindo a um calendário diverso do oficial (e que seria, também, possivelmente o seguido pelos essênios de Qumran)”. Todavia, o que deve ficar bem assentado é que, de qualquer maneira, “a Ceia de Jesus evoca a antiga celebração pascal como a sua prefiguração e efetuou-se num quadro pascal” (Gomes, 1981, p. 585).

- O realismo da presença de Jesus nos sinais do pão e do vinho

Com efeito, “Jesus não diz que o pão “representa” seu corpo e o vinho, seu sangue. O texto bíblico (em grego) traz o verbo “ser”: “isto é o meu corpo... é o meu sangue”. Convém ter presente ainda, como o faz CFG, “que o realismo da presença parece exigido pela própria lógica do culto sacrificial realizado por Jesus, pois é preciso comungar da vítima (e não apenas de seu símbolo) para se ter parte nos efeitos de um sacrifício” (Gomes, 1981, p. 585).

- O realismo da presença vem corroborado por outros textos bíblicos

De fato, ele vem corroborado tanto “pelas palavras do discurso sobre o “pão da vida”, relatado no evangelho de São João”; como “pela interpretação

expressa de São Paulo: “o cálice... não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão do corpo do Senhor?” (1Cor 10,6). E ainda: “todo aquele que comer deste pão ou beber do cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor”(1Cor 11,27-29)” (Gomes, 1981, p. 585s).

1.2 O sangue da Eucaristia

Apoiando-nos nas reflexões de John Mackenzie [JM] sobre o **sangue**, em seu Dicionário Bíblico (Mackenzie, 1984, p. 846), assentamos quanto segue:

- O sangue de Jesus é proposto como bebida e tem um significado sacramental, pois é a vida transmitida por Jesus aos seus

Observa JM:

No Novo Testamento, o sangue da Eucaristia se diferencia das concepções hebraicas na medida em que o **sangue de Jesus é proposto como bebida** (Mt 26,27ss; Mc 14,23ss; Lc 22,20; Jo 6,53ss; 1Cor 11,25ss). Entretanto, **o significado sacramental segue o modelo hebreu, pois o sangue continua sendo a vida, transmitida por Jesus aos seus discípulos por meio da Eucaristia** (Jo 6,53ss; 1Cor 10,16) (Mackenzie, 1984, p. 846, grifos nossos).

- O sangue da Eucaristia: sangue da nova Aliança e sangue de expiação

A esse respeito, nota JM:

O sangue da Eucaristia é o **sangue da nova Aliança** em todas as formas da instituição da Eucaristia, numa alusão a Ex 24,8; em Mt e Mc, **é também um elemento de expiação**, como o sangue das ofertas pelos pecados e pelas culpas” (Mackenzie, 1984, p. 846, grifos nossos).

- O sangue de Jesus como instrumento sacrificial de expiação

Esse aspecto “é encontrado muito mais explícita e frequentemente nas epístolas”. JM recorda algumas passagens:

Jesus é um instrumento de propiciação por seu próprio sangue (Rm 3,25), por meio do qual nós somos justificados (Rm 5,9). Nós somos redimidos através do seu sangue (Ef 1,7) e através do seu sangue somos levados para perto de Deus (Ef 2,13); em seu sangue ele reconciliou (os homens com Deus; Cl 1,20) (Mackenzie, 1984, p. 846).

- O contraste e a analogia entre o sangue de Jesus e o sangue das vítimas sacrificiais são desenvolvidos amplamente em Hebreus.

Sobre o contraste e a analogia presentes na Carta aos Hebreus, JM observa: “Seu sangue [o de Jesus] não é como o dos animais (Hb 9,12ss). O sangue é o único meio eficaz de purificação (Hb 9,20ss) e de remissão dos pecados (Hb 9,22)”. E prossegue: “Mas o sangue dos animais não pode eliminar os pecados (Hb 10,4); Cristo obteve a redenção eterna por meio de seu próprio sangue (Hb 9,12), através do qual temos acesso ao santuário (Hb 10,19). E ainda: “O sangue da nova e eterna aliança (Hb 13,20) clama pelo perdão com muito mais força do que o sangue de Abel clamava pela vingança (Hb 12,24)” (Mackenzie, 1984, p. 846).

- O sangue de Jesus – sangue do Cordeiro – nos purifica, lava nossos pecados e nos resgata.

JM assim conclui suas observações sobre o sangue: “O sangue de Jesus é aspergido sobre nós (1Pd 1,2); é o sangue do cordeiro sem defeitos e sem mácula (1Pd 1,19), que nos purifica (1Jo 1,7) e nos lava de nossos pecados (Ap 1,5). Jesus resgatou os homens pelo preço do seu sangue (Ap 5,9), e por causa do seu sangue os santos venceram (Ap 12,11)” (Mackenzie, 1984, p. 846).

2 O lado aberto de Jesus na Cruz

Ouçamos o Evangelho de João (19,31-37):

³¹Então os judeus, porque era o dia da preparação, para que os corpos não ficassem na cruz durante o sábado, pois aquele sábado era um grande dia, pediram a Pilatos que lhes fossem quebradas as pernas e retirados dali. ³²Os soldados vieram e quebraram as pernas do primeiro e do outro, daqueles que tinham sido crucificados com ele. ³³Chegando a Jesus, como viram que já estava morto, não lhe quebraram as pernas, ³⁴mas um dos soldados feriu-lhe o lado com uma lança, e logo saiu **sangue** e água.

³⁵Aquele que viu dá testemunho, e seu testemunho é verdadeiro. Ele sabe que diz a verdade para que também vós creiais. ³⁶Essas coisas aconteceram para que se cumprisse a Escritura: “*Não lhe será quebrado osso algum*”. ³⁷E ainda outra passagem da Escritura que diz: “*Olharão para aquele a quem traspassaram*”.

Vamos, com o pensamento e o coração, aos pés da Cruz de Jesus. Juntemo-nos ao pequeno grupo formado por Maria, “sua Mãe” (Jo 19,25), por João e pelas mulheres piedosas. Jesus, exclamando: “Tudo está consumado”

(Jo 19,30), exalou o último suspiro. Como já “estava morto” (v. 33), não lhe quebraram as pernas. A verdade é que a Jesus não foram quebrados os ossos, mas um soldado, com uma lança, feriu-lhe o lado, e logo saiu **sangue** e água.

João atribui a esses dois gestos um significado relevante, vendo neles o cumprimento de dois textos bíblicos: – o primeiro diz respeito ao cordeiro pascal, sobre o qual está escrito “não quebrareis nenhum osso” (Ex 12,46; v. 36); – o outro, mais grandioso, vem do profeta Zacarias, que anuncia a salvação e a restauração escatológica de Jerusalém: “Hão de olhar para Aquele que trespassaram.” (v. 37) (Crocetti, 2010, p. 896).

“Um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança, e logo saíram **sangue** e água”. Ao mostrar, assim, o Coração dilacerado de Cristo, o Evangelho de João expressa, de modo cabal, o quadro do amor de Deus para com suas criaturas. “Infinito e tremendo o amor do Pai que, para salvar os homens, sacrificou o Filho; infinito e terníssimo o amor do Filho que, para reparar a ofensa do pecado, ofereceu-se ao Pai em oblação expiatória com que pagou a salvação dos homens”. “O sangue e a água brotados do Coração de Jesus testemunham a plena consumação de seu sacrifício e são símbolos muito expressivos dos sacramentos que tiram sua eficácia deste Sangue” (Gabriel de Santa Maria Madalena, O.C.D., 2001, p. 159).

Assim, por este Sangue, a humanidade é regenerada em Cristo, e, em Cristo, encontra “acesso confiante” ao Pai. “Mas, assim como Israel não compreendeu outrora o amor de Deus e lhe foi infiel, assim continuam, ainda hoje, os homens a não compreender o amor de Cristo, a rejeitá-lo, a ultrajá-lo”. “Por isso, o culto ao Coração de Jesus exige também a reparação: para com o Pai, ultrajado no Filho, para com o Filho, que os homens crucificaram e continuam a ofender com o pecado” (Gabriel de Santa Maria Madalena, O.C.D., 2001, p. 159).

Passemos, enfim, ao terceiro ponto de nossas reflexões, contemplando o Coração de Jesus, que, de tanto amor, sangrou por nós.

3 O “Coração de Cristo”²

Pulsa de amor pelos homens o coração de Deus. Anseia por repousar em Deus o inquieto coração do homem. A aliança eterna desses dois corações será o ponto “*ômega*” de uma história – a da Salvação – que já atingiu o seu

² Retomo aqui parte de um pequeno texto – “o coração de Cristo... o coração do padre” –, escrito quando me preparava para a ordenação presbiteral.

clímax no coração do Homem-Deus, no coração divino-humano do Deus feito homem: Jesus Cristo.

Com efeito, no Verbo de Deus feito carne, todo o passado foi recapitulado, e o futuro – definitivamente alcançado para os homens – tornou-se-lhes presente em germe, restando ainda ser plenamente acolhido nos corações humanos.

Se, como discípulos amados, e tal qual João, o discípulo amado, reclinássemos até seu peito nossos ouvidos, por certo auscultaríamos as pulsações divino-humanas daquele coração que, de tanto amor, sangrou por nós.

- **Pulsava unido e fiel a Deus e aos homens:** Um com o Pai, fez-se também um com os homens, a fim de recrutar a todos para a verdadeira unidade, radicada na unidade do Pai e do Filho. Com absoluta fidelidade, Jesus Cristo revelou-nos a pessoa do Pai, seu desígnio salvífico, seu gesto pleno de amor e misericórdia – a doação de seu Filho unigênito. A nós, hoje, repete o que um dia dissera a Filipe: “Quem me vê, vê o Pai”. Ah! Se soubéssemos olhar e ver! Deus e homem, exemplar único para os homens criados e recriados, Jesus Cristo foi de uma incondicional fidelidade aos homens, sendo fiel a si mesmo e ao plano do Pai; desconcertando sempre os planos humanos quando, alheios aos critérios divinos, eram, sem dúvida, falsos e ilusórios; fazendo-se um com os homens em tudo exceto no pecado, onde justamente se enraízam as amarras que os escravizam; assumindo tudo, e até mesmo o pecado, para cortar, pela raiz, as amarras que acorrentam os homens e reatar-lhes os laços com Deus: laços que libertam, que fazem crescer, que trazem plena felicidade; amando-os até a doação da própria vida, e não há maior prova de amor!

- **Pulsava obediente e para servir:** Trinta anos no seio da família de Nazaré, no convívio com Maria e José, e lhes era submisso. Toda uma eternidade junto do Pai, dizendo-lhe eternamente SIM. Uma breve existência histórica, sacramentalmente perpetuada, na qual, fazendo-se obediente até a morte e morte de cruz, ocupou-se das coisas do Pai e do serviço dos homens, oferecendo-lhes sobretudo o divino, e não apenas o humano, sobretudo o eterno, e não apenas o transitório, sobretudo o absolutamente essencial e indispensável, e não apenas o que se obtém por acréscimo; sobretudo o que gera uma felicidade total e perene, e não apenas o que produz passageiros momentos de felicidade. Ofereceu-lhes o Reino e a Paz de Deus e não um reino que fosse deste mundo, nem uma paz meramente humana.

- **Pulsava com coerência e autenticidade:** Não havia em Cristo falsidade alguma, nenhuma sombra sequer de ambiguidade, nada, por mínimo que fosse, de incoerência ou dualidade. Nele, tudo é verdade, coerência e autenticidade. O sim, sim; o não, não. As palavras explicando os atos, e estes corroborando aquelas: o pensar, o dizer e o agir perfeitamente integrados e harmonizados.

- **Pulsava, deixou de pulsar, tornou a pulsar... por AMOR:** Ao ser concebido no seio da virgem Maria, ao nascer em Belém, ao ser batizado no Jordão, ao convocar os doze e os demais, ao ensinar e curar por toda a Judeia, Galileia e Samaria, ao caminhar para Jerusalém, ao instituir, na Ceia, a Eucaristia e o Sacerdócio, ao conduzir sobre os ombros, para o Calvário, o lenho da cruz, e ao ser nela pregado – seu coração batia por amor, glorificando o Pai, acolhendo, perdoadando e salvando os homens. Ao exalar o último suspiro deixou de bater, também por amor, seu coração. Ao ressuscitar ao terceiro dia, tornou a bater, por amor, o coração do único e eterno Sacerdote: Jesus Cristo.

Hoje, na Igreja, prolongamento do Cristo, bate o coração de milhares de homens e mulheres chamados ao seguimento de Jesus, quais seus discípulos-missionários. Podemos auscultar-lhes o coração? Coração, pequenino, frágil, temeroso, apenas humano, mas divinizado, chamado a bater em sintonia com o Coração de Jesus: o deles e o nosso, sob o influxo da graça, a pulsar em uníssono com o coração de Cristo. O coração de Cristo pulsando em nossos corações: admirável transplante operado pelo divino cirurgião!

Fiel a Deus e aos homens, obediente e servidor, coerente e autêntico, por amor, glorificando a Deus e salvando os homens: assim bate o coração de Cristo; assim, sob o influxo da graça, devem também pulsar os nossos corações.

No ambiente onde se realizou o Simpósio, observamos, em pequenos “banners”, algumas frases do Beato Tomás Maria Fusco. São frases verdadeiramente preciosas, que revelam o profundo nexos entre o Sangue de Jesus – do alto da Cruz derramado –, a Eucaristia – onde comemos o seu Corpo e bebemos o seu Sangue –, o Coração de Jesus, fornalha ardente de amor, e o frágil e ferido coração humano, chamado a pulsar em sintonia com o Coração de Cristo. Sejam, pois, as frases do Beato a concluir nossas reflexões:

- “Sangue de Jesus, que brotando do alto da cruz, atrai a ti meu coração”;
- “Pelo Preciosíssimo Sangue, fortifica minha fraca vontade”;
- “o Sangue de Jesus é o toque do Eterno Amor no coração ferido do homem”;

– “A caridade é como a pupila dos olhos: quem a fere, fere a parte mais sensível”;

– “Terníssimo Jesus Redentor, louvamos incessantemente vosso Sangue Precioso derramado com tanto amor por nós”;

– “Sangue de Jesus, transforma-me em amor e fortifica a minha esperança”.

Referências

A BÍBLIA. São Paulo: Paulinas, 2023.

CROCETTI, Giuseppe. Comentário ao Evangelho da Solenidade Sagrado Coração de Jesus, ano B, in CASARIN, Giuseppe (org) *Leccionário Comentado, Tempo Comum Semanas I-XVII*. São Paulo: Paulus, 2010.

Gabriel de Santa Maria Madalena, O.C.D. *Intimidade Divina. Meditações sobre a vida interior para todos os dias do ano*. São Paulo: Loyola, 2001.

GOMES, Cirilo Folch. *Riquezas da Mensagem Cristã*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1981.

MACKENZIE, John L., S. J. *Sangue* in *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984.

Comunicação recebida em 21/08/2025 e aprovada para publicação em 09/09/2025

Como citar:

SANTOS, Tarcisio Nascentes dos. Simpósio sobre o Preciosíssimo Sangue. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 24, n. 48, p. 421-429, jul./dez. 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v24i48-2025-11>